



SOBRE AS IDEIAS ORTEGUIANAS

Miriam Bertoletti

Universidade Estadual do Paraná

Introdução

O local é Madrid na Espanha e a data é 9 de maio 1883, quando nasceu José Ortega y Gasset. Porém, quando nasceu o maior *filósofo* da Espanha José Ortega Y Gasset? Mas vamos partir para o seu primeiro livro, de 1914, *Meditaciones del Quijote*, em que citou aquela que seria, provavelmente, a sua frase mais conhecida: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não salvo a mim” (Ortega y Gasset, 1914/1966, p.322). O pensamento a respeito do indivíduo humano quando Ortega fala das circunstancias, o eu-circunstância, entendendo que o eu e a circunstância estariam indissolúveis, o eu seria atingido e, muitas vezes, abarrotado por sua circunstância, provocando modificações em si; do mesmo modo que a circunstância seria tocada, influenciada e modificada pelo eu. Mas o que seria circunstância para Ortega y Gasset? A circunstância pode ser notada como tudo que esteja direta ou indiretamente em contato com o eu; que tanto pode ser derivado do passado ou do presente, de contexto físico, histórico ou cultural, como também de si mesmo, isto é, de seu próprio corpo e psiquismo (Assunção, 2012).

Quando Ortega escreve em salvar, seja salvar a circunstância, ou salvar a si mesmo, um esforço aqui nos leva a entender o que de fato significa salvar para Ortega. No livro *Meditaciones del Quijote*, em complemento à citada frase, no mesmo parágrafo, o próprio autor aponta um caminho de entendimento ao dizer “Quer dizer, buscar o sentido do que nos rodeia” (Ortega y Gasset, 1914/1966, p.322). Dom Quixote de La Mancha de Miguel Cervantes traz a história de cavalaria, num sentido de salvar as circunstancias de Quixote, ao final quando ele recupera sua sanidade ele perde totalmente a habilidade de salvar se a si mesmo, portanto, a luta de heróis de cavalaria Ortega exemplifica como a luta de salvar se a si mesmo. Ou ainda, nós os comuns tentando nos salvar é a verdadeira fórmula do heroísmo,



ou a magia dos contos de cavalaria. Como cita Ortega em *Meditações de Quixote*: E na escola platônica o propósito de toda a cultura se dá como isto: “salvar as aparências”, os fenômenos. Quer dizer: buscar o sentido que nos rodeia”.

Nada estorva tanto o heroísmo que é a atividade do espírito, quanto considerá-lo limitado a certo conteúdo específico da vida. Em toda parte mais subterrânea, que existe o extinto do heroísmo em todo homem, aí é que encontra as circunstâncias e o que nos diferencia é o que cada um faz com elas. Meditar sobre ninharias e sobre o valor até mesmo do passado.

Quando chegamos ao subúrbio do pensamento, no pessimismo e não encontramos nada no universo que pareça algo para nos salvar, voltamos os olhos para coisas mínimas do cotidiano. Não são as grandes coisas que nos salvam a vida, mas os fundamentos da vitalidade do homem contemporâneo estão em meditar e compreender a emoção dos detalhes e das pequenas coisas.

Em verdade temos que falar um pouco de tudo, porque a morte é a vida do morto. É sempre uma encruzilhada, a crítica não é uma biografia, embora muitos o façam, ironicamente citando. Não estou falando tanto do autor, mas não estranhe, pois, que se fale pouco do autor ou mesmo dos detalhes de sua produção, trata-se precisamente de reunir tudo aquilo que não está nele, mas que o completa, de proporcionar um clima mais favorável.

A investigação do quixotismo do livro, a figura de Dom Quixote, atrai alusões com um pouco de amor e um pouco de modéstia. Quando se reúne um pouco de espanhóis sensibilizados pela miséria ideal de seu passado, a sordidez do presente e a hostilidade está no Dom quixote.